

DAYANE CAROLINE DA COSTA SOUSA

A INFLUÊNCIA MIDIÁTICA EM REPORTAR FLUXOS
MIGRATÓRIOS: Exclusão ou inclusão de determinados
grupos de refugiados



ARARAQUARA – S.P.
2017

DAYANE CAROLINE DA COSTA SOUSA

A INFLUÊNCIA MIDIÁTICA EM REPORTAR FLUXOS
MIGRATÓRIOS: Exclusão ou inclusão de determinados
grupos de refugiados

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Conselho de Curso de
Ciências Sociais, da Faculdade de Ciências e
Letras – Unesp/Araraquara, como requisito
para obtenção do título de Bacharel em
Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin

ARARAQUARA – S.P.
2017

Sousa, Dayane Caroline da Costa
A influência midiática em reportar fluxos migratórios e
determinar a exclusão ou inclusão de determinados grupos de
refugiados / Dayane Caroline da Costa Sousa – 2017
35 f.

Trabalho de Conclusão de Curso - (Graduação em
Ciências Sociais)– Universidade Estadual Paulista "Júlio de
Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus
Araraquara)

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin

1. Migrações . 2. ius migrandi. 3. Refugiados. 4. mídia .
I. Título.

DAYANE CAROLINE DA COSTA SOUSA

A INFLUÊNCIA DA MÍDIA EM REPORTAR FLUXOS MIGRÁTORIOS: Exclusão ou inclusão de determinados grupos de refugiados

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Ciências Sociais, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin

Data da defesa/entrega: ___/___/___

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin
Universidade Estadual Paulista/UNESP.

Membro Titular: Prof. Dr. Marcelo Santos
Universidade Estadual Paulista/UNESP.

Membro Titular: Prof. Dr. Renata Medeiros Paoliello
Universidade Estadual Paulista/UNESP.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Àqueles que de alguma forma contribuíram com essa importante etapa de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Maria e Roberto, pelos esforços e sacrifícios empreendidos em minha formação.

Ao meu orientador, Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin, pelo auxílio, disponibilidade e orientação.

“O capitalismo é um sistema parasitário. Como todos os parasitas, pode prosperar durante certo período, desde que encontre um organismo ainda não explorado que lhe forneça alimento. Mas não pode fazer isso sem prejudicar o hospedeiro, destruindo assim, cedo ou tarde, as condições da sua prosperidade ou mesmo de sua sobrevivência.”

Zygmunt Bauman (2011)

RESUMO

Essa monografia é dedicada ao estudo dos fluxos migratórios e a crise de refugiados na Europa, considerada a crise humanitária mais grave desde a Segunda Guerra Mundial. Para entender esses processos é necessário antes de tudo entender as mudanças econômicas que o causaram. As décadas finais do século XX foram decisivas para a consolidação do capitalismo global, tal como se tem hoje e a consequente inversão de direitos antes considerados naturais ao indivíduo, como direito a migração presente nos Declaração Universal dos Direitos Humanos. Esta monografia buscou fazer um trajeto histórico a partir dos anos 90 para entender como os mercados abertos com o fim da Guerra Fria e a vitória do capitalismo foram responsáveis pelas alterações subjetivas em todas as esferas da vida humana. Politicamente, o enfraquecimento do estado social e o fim das políticas assistencialistas, produzem um indivíduo desamparado e frustrado, com empregos instáveis e até desempregado por conta do deslocamento de capitais que garante as empresas estarem onde é conveniente economicamente. O desemprego agora é estrutural, e passa a ser uma realidade tanto nas cidades globais, onde o capital exerce seu maior domínio e tem maior prestígio cultural, quanto nas cidades de países menos desenvolvidos. Os habitantes desses países, por conta da falta de condições sociais, econômicas, ambientais e políticas (pelo excessivo número de conflitos e golpes de estado que a maioria enfrenta) acabam migrando para a Europa, continente que agora se encontra incapaz de conter esses fluxos ou desenvolver políticas sociais aos imigrantes presentes na Europa. Esses dois grupos sociais de desempregados (autóctones e imigrantes) passam a disputar o mesmo espaço na cidade, o que produzira novas ondas racistas e xenofóbicas. A influência da mídia nesse sentido é determinante, por projetar nesses imigrantes a responsabilidade por todos esses processos, a criação de narrativas e números falsos para fortalecer a ideia de responsabilidade do imigrante em todos os problemas sociais é cada vez mais usada e necessária ao capital. Dentro dessa lógica neoliberal surgem as cidades rebeldes, lugares que se recusam a reforçar a postura de expulsão e rejeição, e que adotam uma política de acolhimento, como é o caso observado de Barcelona e sua prefeita Ada Colau.

Palavras – chave: Globalização. Sociedade. Imigração. Ada Colau.

ABSTRACT

This monograph is dedicated to the study of the migratory flows and the refugee crisis in Europe, considered the most serious humanitarian crisis since the Second World War. In order to understand these processes it is necessary that we understand the economic changes that caused it. The final decades of the twentieth century were decisive for the consolidation of global capitalism and the consequent shift of previously natural human rights, like the right to migration that was present in the Universal Declaration of Human Rights. This monograph builds on the historical journey since 90's to understand how the markets that open at the end of the Cold War and the victory of capitalism were responsible for subjective change in all areas of human life. Politically, the weakening of the welfare state and the end of the social politics, we produce a helpless and frustrated subject, unstable jobs and unemployment due to the dislocation of capital that guarantees the companies to go to where it is convenient economically. Unemployment is now structural, and it becomes a reality both in the global cities, where capital plays a greater role and has a greater cultural prestige, than in the underdeveloped cities. The people of these countries, due to the lack of quality in social, economic, environmental, political (most of these countries faces civil war and coups d'état) migrate to Europe, a continent that is now unable to contain those fluxes or develop social politics for immigration in Europe. These two social groups of unemployed (citizens and immigrant) now fight for the same space in the city, which will produce new racist and xenophobic waves. The influence of the media is crucial, in order to project the responsibility for all these processes, with a creation of narratives and false numbers to strengthen the idea that the responsibility of the immigrant in all social problems is increasingly used and necessary to capital. In the center of this neo-liberal logic, arises the so called rebel cities, places that refuse to reinforce the position of expulsion and rejection, which has a policy to receive immigrants, as is the case observed in Barcelona and now mayor Ada Colau.

Keywords: Globalization. Society. Immigration. Ada Colau.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 DECLÍNIO E Esvaziamento do <i>Ius Migrandi</i> a partir da década de 90	12
2.1 A inversão da lógica do <i>ius migrandi</i> no Ocidente	16
3 OS FLUXOS MIGRATÓRIOS NAS CIDADES GLOBAIS	21
3.1. As cidades rebeldes: a resposta das cidades globais as políticas de insegurança e medo	23
3.1.1 O caso Barcelona - Ada Colau e o incentivo à imigração	24
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
5 REFERÊNCIAS	31

1. INTRODUÇÃO

Na análise da socióloga Saskia Sassen (2016) existiram duas transformações profundas ocorridas na década dos anos 80 e fortalecidas nos anos 90, com a vitória do modelo econômico capitalista no fim da Guerra Fria, fundamentais para entender as questões sociais presentes na sociedade atual.

A primeira é a expansão das zonas de alcance do capital, processo materializado na valorização das cidades globais que agora são o centro das transações econômicas e símbolos culturais do sucesso do mercado. Por outro lado, a terceirização e a precarização, do trabalho em países com mão de obra mais desvalorizada e sem regulamentação, graças ao agora possível deslocamento de capitais.

O segundo processo fundamental para Sassen, é o fortalecimento do setor financeiro na rede de cidades globais, capaz de desenvolver instrumentos de financeirização e securitização como nunca antes visto, garantindo um aumento da acumulação de capital e enriquecimento do setor financeiro através das dívidas derivativas.

Esses dois processos foram fundamentais para a consolidação do capitalismo global, que passou a ser capaz de gerar lucro e acumulação de capital, sem necessitar em grande escala dos indivíduos. Tanto os trabalhadores como os consumidores são descartáveis em um processo econômico que ocorre em escalas globais e sem território permanente.

Socialmente, a consolidação do capitalismo global encerra a tradição keynesiana e a política do estado social, criando então um novo indivíduo, livre e individualizado, responsável por suas escolhas, bem como por seus fracassos. Paradoxalmente, nos aspectos econômicos ocorre um aumento do desemprego estrutural, não mais enquanto categoria atípica do indivíduo, mas como condição permanente, consequência do aumento da tecnologia que cada vez menos necessita da força de trabalho humana, assim como a fragmentação do processo produtivo, tendo por consequência um crescente número de indivíduos frustrados e incapazes de realizar-se pessoalmente.

O indivíduo autônomo, é além de tudo um ser livre, está nesse aspecto toda a base ideológica que coloca na liberdade pessoal e privada a possibilidade de realizações, se o Estado não impõe barreiras legais, éticas e sociais para que o indivíduo possa realizar-se inteiramente, também não é mais capaz de controlar a organização da vida coletiva e garantir sua segurança. Gerando uma sensação de insuficiência e

insegurança capazes de manifestarem as mais diversas manifestações na cidade e criar novos mercados de geração de lucro, nos setores de segurança, conforme afirma Alfio Mastrapaolo:

Curiosamente, desde quando os regimes democráticos ocidentais adotaram políticas que privilegiam os direitos de liberdade com relação aos direitos sociais, os custos da política de segurança aumentaram consideravelmente. Será somente uma coincidência? (MASTRAPAOLO, 2011, p. 35)

No aspecto privado, o mercado privilegiado com a sensação de medo constante é a do setor de segurança, cada vez mais valorizada e procurada, o aumento de condomínios fechados, e de todo o espaço social que cada vez mais se projeta sob a ideia de medo e insegurança constante. Enquanto que no âmbito público, há o aumento de políticas de encarceramento e repressão, aumento dos partidos de extrema direita que retomam discursos protecionistas e nacionalistas projetando nos imigrantes a responsabilidade por todos os males sociais que a cidade enfrenta.

Narrativas sobre imigrantes retratados como perigosos, violentos ameaçadores são cada vez mais difundidas e tomadas como verdades pela população. A onda crescente de xenofobia e racismo na Europa são reflexos dessas construções ideológicas dos meios de comunicação em massa, que articulam informações tendenciosas e falaciosas.

A política do medo contida nos discursos de jornais, partidos de extrema direita e personalidades públicas que possuem um número de acesso alto em redes sociais, cada vez mais eficazes em criar uma bipolarização entre os autóctones e imigrantes, agora vistos como inimigos.

Os direitos antes tidos como universais perdem sua força política, passam a existir somente para indivíduos inseridos socialmente e economicamente na lógica capitalista, dentre esses direitos, o *ius migrandi* (direito de migrar), presente no artigo XIII da carta dos Direitos Humanos de 1948 e historicamente usado pelos europeus desde as Grandes Navegações, agora passam por uma ressignificação, não é mais um direito universal, mas sim uma ação que pode sofrer penalidades legais aos seus agentes, os considerados imigrantes irregulares que na Europa e nos Estados Unidos podem ser detidos e deportados para o país de origem.

A Europa registrou nos últimos anos (2016-2017) o maior número de pessoas em fluxos migratórios da história, e conforme o portal eletrônico do Parlamento Europeu

afirma¹ “*A crise de migração na Europa expôs deficiências no sistema de asilo da União Europeia*”.

Os países que fazem parte de áreas de chegada de imigrantes não possuem políticas eficazes para lidar com essa crise, recorrem à contenção nas fronteiras e detenção daqueles que chegam e a consequente deportação, ações insuficientes para conter o aumento dos fluxos de pessoas, que depositam suas vidas nas mãos de traficantes de imigrantes clandestinos para tentar manter sua sobrevivência, os riscos da viagem ainda são considerados menores que os enfrentados nos locais de expulsões, ainda que só em 2016 o Mar Mediterrâneo tenha sido o local de óbito de mais de cinco mil refugiados.

As manifestações políticas das cidades globais em resposta a essa crise, e as políticas neoliberais dos Estados, é a postura de acolhimento, as chamadas “cidades rebeldes ou cidades refúgios” que se colocam enquanto espaços abertos à chegada de imigrantes, capazes de recebê-los e integrá-los através de políticas públicas e uma rede organizada na sociedade civil.

Esses processos sociais ainda estão acontecendo e são produtos de uma crise sistêmica sem delimitações ou perspectivas futuras, portanto o principal esforço empreendido nesse trabalho é analisar as representações desses fenômenos por veículos de informações, assim como a entender a capacidade de repercussão dessas notícias dentro dos contextos sociais que estão inseridas são fundamentais. A reflexão sobre os limites da mídia e seu poder ideológico e capacidade de persuasão de acordo a agenda neoliberal é um recurso valioso e necessário ao capitalismo, utilizado desde muito antes, durante a Primeira e Segunda Guerra Mundial, com outros propósitos e outros “inimigos”.

¹ Disponível em < <http://www.europarl.europa.eu/news/pt/headlines/society/20170629STO78631/a-crise-de-migracao-na-europa>>

2. DECLÍNIO E Esvaziamento do *Ius Migrandi* a partir da década de 90

A década de 90 significou para o cenário político internacional um período de consolidação hegemônica do modelo capitalista. Com a derrota da URSS e do modelo comunista pelos Estados Unidos e seu modelo neoliberal, o capital pode atingir áreas geográficas até então inalcançáveis, e existir em planos que excediam os contextos políticos e econômicos. Capaz de impor seus valores subjetivos em um plano mundial, redefinindo os valores morais, as formas de vida e de relacionamento, as organizações e instituições sociais.

Em 1989 acontecem os processos históricos marcantes e capazes de afetar a ordem mundial em que se consolidaria o capitalismo do século XXI, a queda do Muro de Berlim e a reunificação da Alemanha representou simbolicamente o fim da Guerra Fria e a vitória do capitalismo. Mas foi durante o Consenso de Washington que o capitalismo e a agenda neoliberal conquistaram a possibilidade objetiva de serem materializadas em novos valores, novos princípios, novas regras.

O Consenso de Washington em 1989 ditou uma conduta econômica neoliberal aos países dentro da nova ordem mundial, na justificativa de combater as crises financeiras dos países subdesenvolvidos o que tornava quase impossível a esses países fugirem da economia de mercado vigente.

Nesse cenário, o século XX chegou ao fim, países, até então pautados pelo estado social herdado da pós Segunda Guerra na busca de superar as marcas deixadas pelo conflito, viviam o momento de desvalorização do papel do Estado na economia e na sociedade.

Os valores neoliberais e críticas ao “excesso de democracia” vão ganhando espaço a partir dos anos 70; Um processo ideológico cada vez mais forte de avaliar nos sistemas públicos o fracasso da política keynesiana, os processos de privatização também foram parte da mudança que colocou nas mãos do mercado um poder inédito.

Fortalecidas nos anos 80 pelos governos como Ronald Reagan e Margareth Thatcher, esses projetos governamentais de diminuição do estado produziram um fenômeno de democracia diminuída, formada por indivíduos autônomos e não mais grupos sociais, despreocupada em suprir as demandas coletivas.

Em 1984, durante um discurso, Margareth Thatcher, uma das principais figuras em defesa do neoliberalismo afirmou que sua intenção enquanto primeira-ministra era principalmente de *“transformar a sociedade inglesa, de dependente para autossuficiente, de um país do ‘de para mim’ a um país ‘faça você mesmo’. Um ‘levante e faça’ além de um ‘sente e espere”*.²

Três anos mais tarde, em uma entrevista³ Thatcher afirma que os ingleses lançam seus problemas pessoais a sociedade, porém *“não existe tal coisa como a sociedade, existem indivíduos, homens e mulheres e famílias. E nenhum governo pode fazer nada, exceto através das pessoas, e as pessoas devem cuidar de si primeiro”*.

O autor italiano Alfio Mastropaolo, em sua obra *A democracia é uma causa perdida? Paradoxo de uma invenção imperfeita* discute as razões pela qual o indivíduo transformou-se no agente dos discursos políticos a partir dos anos 80

Não mais pressionada pela necessidade, insatisfeita com a disciplina e a hierarquia da fábrica fordista, e de qualquer instituição – burocracia pública, partidos, sindicatos, igreja, família – especialmente com a tutela “paternalista” e burocrática do Estado social, avessa aos vínculos de solidariedade e ao empenho público, no curso da realidade criada pelo discurso neoliberal, o indivíduo passou a ser o protagonista da nova sociedade. O que há, afinal, de mais sedutor do que representar não um poder hierárquico, aquele estatal, que trabalhosamente se esforça em pôr ordem na vida coletiva, do que uma condição de ordem espontânea, na qual os indivíduos mais instruídos, mais informados, impaciente por autenticidade e autoafirmação, cultivam como melhor lhes convém, as próprias preferências, os próprios interesses privados, os próprios estilos de vida e de consumo, e se assumem como responsáveis pelo próprio destino? (MASTROPAOLO, 2011, p.110)

Essa valorização das ações particulares e da liberdade privada é um dos pilares do neoliberalismo, agora o indivíduo não pode mais contar com o Estado, tem que ser capaz sozinho, empreendedor de si mesmo e caso alcance será de forma legítima e por mérito pessoal.

Para o filósofo italiano, Carlo Galli (2002) na obra *“Espaços políticos. A idade moderna e a idade global”*. Por conta da ascensão do indivíduo inserido na lógica neoliberal ocorrem por sua capacidade valorativa de consumo, a sua capacidade de identificação agora está no mercado e não mais no Estado, e cada vez mais se

²Disponível em <<http://www.margaretthatcher.org/document/105617>>

³ Disponível em < <http://briandeer.com/social/thatcher-society.htm>>

encontra distante não só do que produz; conhecida por alienação moderna, mas também da cultura - novo tipo de alienação considerada contemporânea. Esse processo produz na sociedade uma alteração subjetiva, que garante as empresas um poder hegemônico nunca visto.

Segundo Galli (2002), o novo modo de produção capitalista produziu a chamada “mobilidade global” que é a capacidade das forças produtivas em deslocar-se conforme e quando necessário, para o autor com o nascimento das empresas transnacionais chegou ao fim a fábrica fordista, e com ela o fim da centralidade social e política das organizações trabalhistas que eram parte do estado social, agora essas forças não conseguem mais enfrentar uma empresa que não necessita responder juridicamente ao Estado que está localizada ou impor suas demandas.

O poder econômico passa a fazer parte de plano imaterial, seu poder excede o limite econômico, e não mais precisando responder aos poderes políticos; agora as empresas transnacionais, funcionam sob uma espacialidade de redes que nenhum país ou poder político pode conter, o controle da força de trabalho se dá no nível global e é tangível somente as empresas. A vitória do capitalismo e da sociedade de mercado significou também a vitória da economia sob a política.

Em uma entrevista, em 2007, publicada no diário suíço *Tages-Anzeiger*, o economista e ex-presidente do Sistema de Reserva Federal dos Estados Unidos, Alan Greenspan reafirma a vitória da economia sob a política que o mundo vive hoje:

Temos a sorte de que graças à globalização, as decisões políticas nos Estados Unidos têm sido substituídas por forças do mercado global. Deixando a Segurança nacional de lado, não faz diferença quem será o próximo presidente. O mundo é governado por forças de mercado. (GREENSPAN, 2007, tradução nossa).

Os fatores de estabilidade são negados nessa lógica global, as mobilizações de cunho político ou social perdem valor para um mundo onde a única mobilização poderosa e capaz de efetuar mudanças na vida particular e coletiva é a econômica.

A ausência do espaço político é algo típico da mobilização global, nenhum poder “espacial” consegue ir contra as forças globais, pois essas não existem em únicos e determinados limites espaciais, sociais ou políticos, mas sim em um lugar que pode ser sempre móvel e virtual.

A nova ordem global garantiu que o capital possa mobilizar-se instantaneamente e assim estar presente em qualquer lugar, capaz de controlar a força de trabalho e a

dispensá-la se necessário; o capitalismo global cada vez menos necessita de força de trabalho humana, e por isso sua desvalorização já não pode ser contida por organizações e sindicatos trabalhistas.

O processo de desvalorização da força de trabalho humano possibilitou que surgissem as chamadas empresas irresponsáveis, conceito de autoria do sociólogo italiano Luciano Gallino (2014), que descreve a forma com que agem as grandes empresas do século XXI, despreocupada com seus efeitos na natureza, na sociedade e em seus trabalhadores.

A ideia de justiça social é abandonada e substituída pela justiça de mercado, que é implacável, e que só busca um fim, que é a criação de mais valor para satisfazer os acionistas, e agora os meios para produzir lucros não possuem mais limitações que o estado social poderia aplicar, portanto não há mais necessidade de investir em treinamentos, em segurança e bem estar do trabalhador e de sua família, reduz o número de trabalhadores, e no que se trata da relação empresa x poder público usa de chantagens e ameaças de deslocamento e a imposição de redução tributária e fiscal e de vantagens para a continuidade do processo produtivo, e em síntese a supressão dos direitos sociais e econômicos de uma maneira nunca vista.

Outro fenômeno observado por Gallino (2014) é de que agora as empresas transnacionais, utilizam Manager e CEO (*Chief Executive Officer*, ou Diretor executivo) para responder aos seus acionistas, e exclusivamente a eles, ou seja, os trabalhadores e a sociedade não são preocupações. O seu interlocutor exclusivo são os acionistas que, na sociedade da alta tecnológica e do mercado global extremamente competitivo, exigem a maximização diária dos lucros das ações.

A desvalorização da força de trabalho humana, sem regulamentações trabalhistas, causou um desemprego estrutural e sistêmico de toda uma parcela da população que nunca possuirá vínculo de trabalho digno, pessoas que se veem obrigadas a deslocar-se em busca de condições melhores, e acreditam estar no Ocidente o ideal de vida “perfeito”.

Esse fenômeno social é analisado pela socióloga Saskia Sassen (2003) no livro *Os espectros da globalização* e é chamado de “ocidentalização do modo de vida” que seriam os efeitos ideológicos sofridos pelas pessoas que vivem fora do Ocidente em ver nos países desenvolvidos uma promessa de uma vida melhor, processo que aumenta a imigração de pessoas que para além de trabalho buscam projeções de vidas pautadas pelo consumo. Esses chamados “efeitos ideológicos” são produto do

imenso poder das forças econômicas se explica pela capacidade do capital em produzir novas escalas de valores. Se antes a escala de medida para a valorização de um indivíduo na sociedade era baseada no seu trabalho, na sociedade contemporânea essa escala é pela sua capacidade de consumir dentro do sistema social em que vive.

Segundo Saskia Sassen (2016) em *Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global*, o avanço das tecnologias nas últimas décadas, produziu um mercado financeiro supervalorizado e conseqüentemente uma capacidade de obtenção de lucros nova, com a liquidez de capitais e “financeirização” de campos até então inexplorados (caso das hipotecas *subprimes* nos Estados Unidos) permitiu que para além da hipermobilidade do capital, os valores subjetivos do capitalismo global também pudessem atravessar as fronteiras de onde é produzido, afirma “*A globalização eleva a complexidade dessas indústrias de serviços, seu caráter estratégico e também seu glamour*”.

Ulrick Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim no livro *Geração Global* analisam a ideia de “globalização cultural” que procura dotar de sentido a expansão dos valores de consumo hoje articulados pelos meios de comunicação, em quaisquer que sejam os lugares. O que para os autores produz uma geração global em constante paradoxo de estar de fato globalizada, mas separada por enormes contrastes e linhas divisórias. Um exemplo disso, citado por Ulrick Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim é o uso de exemplares “piratas” dos produtos das marcas globais e reconhecidas como símbolos da cultura de massa aos que não podem comprar originais, como a citada no texto, Nike.

O abismo entre os habitantes do primeiro mundo com todo o resto fomenta o desejo pelo estilo de vida promovido pela cultura de consumo, que desejam viver no Mundo Livre, explicando o crescente número de jovens que deixam seu país em busca de trabalho na América do Norte e Europa.

A vida do indivíduo não é mais determinada pelas condições locais e circunstâncias imediatas, os vínculos familiares, sociais e com o Estado já não importam, agora é capaz de abdicá-los e buscar possibilidades que os meios de informação sugerem como tangíveis. Esse processo conhecido como “*individualização*” é cada vez mais presente na sociedade contemporânea.

2.1 A inversão da lógica do *ius migrandi* no Ocidente

Historicamente o “*direito de migrar*” foi utilizado apenas por aqueles que detinham os recursos de locomoção, ou seja, o direito ficava reservado aos europeus durante as Grandes Navegações, que garantiram a invasão e colonização do resto do mundo sob a justificativa que esse processo era a forma de levar a evangelização e cristianismo ao mundo.

A literatura filosófica e política também legitimou o processo imperialista realizado por quase quatro séculos, Francisco de Vitoria (1492) em “*Ius migrandi y el ius accipiendi civitate*” chamou de *ius migrandi* o direito de imigrar, e o considerou como um dos direitos mais básicos dos seres humanos.

O *ius migrandi* possui quatro dimensões, conforme o artigo intitulado “Conteúdo e limites do *ius migrandi*” da Revista Ibero-americana de autoria de Angel Sancho e Pascual Navarro, sendo elas, direito de não migrar, o direito a migrar, o direito a estabelecer-se pacificamente e o direito de retorno. A primeira “direito de não migrar” diz respeito à obrigação que tem os Estados em prover desenvolvimento e garantir condições de vida dignas; o segundo, “direito de migrar” supõe que qualquer pessoa possa circular de forma voluntária e livre por todo o planeta, ação que deve ser decisão própria do indivíduo e não necessidade; a terceira “direito de estabelecer-se pacificamente” diz respeito ao direito de trabalhar, formar-se e viver no Estado que o indivíduo escolheu permanecer, bem como estar submetido às leis, impostos e taxas do país em questão, e que a sua participação política, cultural, social, econômica ocorresse de maneira pacífica; e por último o “direito de retorno” que seria o dever dos Estados em receber alguém que decida retornar ao seu país e permanecer nele, para isso é necessário que existam condições de vida dignas tanto no âmbito econômico quanto político.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos escrita em 1948, no artigo XIII diz “Todo ser humano tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado; todo ser humano tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a este regressar”. E depois no artigo XIV “Que todo ser humano, vítima de perseguição tem o direito de refugiar-se em outro país”.

Esse direito foi por muito tempo preservado e potencializado pela sensibilização que os horrores causados durante a Segunda Guerra Mundial. O período de 1945 a 1980 especificamente, continha em suas políticas a força da memória histórica e política do “*nunca mais*” em referência aos regimes totalitários, ao Holocausto e a Guerra que assolaram a Europa na primeira metade do século, portanto o

acolhimento e a integração do imigrante eram processos aceitos e defendidos pelo estado democrático de direito.

É só a partir da década de 80, onde os processos de desregulamentação do capital começam a aumentar e o fluxo migratório é invertido, agora não são mais os europeus que ocupam territórios, mas tem seu território ocupado.

Assim, era esperado que os direitos ditos universais perdessem sentido, em um artigo publicado em 1998, intitulado “Além da soberania e da cidadania: um constitucionalismo global”, Luigi Ferrajoli afirma:

Os direitos em questão foram proclamados universais quando a distinção entre homem e cidadão não criava nenhum problema, mas seria improvável e imprevisível que com homens e mulheres chegando a Europa do terceiro mundo essas declarações continuassem a ser interpretadas literalmente. (FERRAJOLI, 2005, tradução nossa)

Os direitos humanos começam a perder seu caráter universalista no final do século XX, que se transformam em direitos de cidadania, é preciso ter nascido no território para usufruir os direitos ali concedidos. Se antes, a cidadania era um fundamento de igualdade e poderia ser concedida àqueles que chegam em busca de asilo isso deixa de ser verdade, a categoria de “cidadão” agora é um mecanismo de segregação.

A inversão da lógica do *ius migrandi* e o fim do direito de migrar enquanto nato ao ser humano é fruto das crises geradas pelo capitalismo desregulamentado e o fim do estado social nos anos 90, que cada vez mais produz um desemprego estrutural, tanto nos países da Europa e Estados Unidos quanto nos países de onde costumam sair os fluxos de imigrantes.

O indivíduo que vive o desemprego e a diminuição na qualidade do seu estilo de vida acredita estar no imigrante o problema, incapaz de materializar o culpado, cada vez mais abstrato no capitalismo global, projeta nele sua insegurança.

Cada vez mais grupos extremistas ganham força na Europa, em defesa das políticas de restrição aos fluxos migratórios e controle dos refugiados que estão no país. Cartazes de manifestações xenofóbicas e racistas espalhados por essas cidades, que recebem maior fluxo de imigrantes e que em algum ponto passavam a impressão de acolhimento até alguns anos atrás, com políticas de inclusão tradicionais no estado social perdem a força no século XXI, a competição crescente

por emprego e condições dignas mesmo nos lugares antes conhecidos por fornecê-las.

O aumento de notícias tendenciosas com a intenção de apresentar os imigrantes como uma ameaça, que apresentam fatos distorcidos e falsos e constroem a figura do imigrante enquanto responsável por “roubar empregos” ou enquanto violentos e perigosos. Na grande maioria dos países da Europa formou-se uma ideia de que a violência não para de aumentar e os responsáveis por esse aumento são os imigrantes, ainda que isso não seja verdade, construções de narrativas de casos isolados tornam-se a regra, e a figura do imigrante cada vez mais é corrompida e despersonalizada.

A política nacionalista que ganha cada vez mais espaço nas cidades da Europa, que defende uma postura chauvinista e anti-imigração antes de tudo, um “estado social exclusivo aos nascidos no país” pode ser explicada por razões econômicas. Ou seja, sua agenda reacionária não ganha votos da população por fatores culturais e sociais em si, mas pela capacidade que tem em oferecer uma promessa de mudança econômica a seus eleitores.

Casos como o compartilhado pelo portal eletrônico do jornal ABC Espanha em 2017⁴ a cerca de um ataque as franquias “Starbucks” de Madrid, realizado pelo coletivo neonazista Hogar Social Madrid, depois do anúncio de contratar refugiados, cartazes com frases como *“Aqui se contratam refugiados, enquanto você está desempregado”*. O aumento desse tipo de manifestação é notado em diversas cidades da Europa, a população incapaz de identificar os culpados por sua condição econômica e desemprego, culpam a parcela de imigrantes e fortalecessem o poder que tem os países de extrema direita e grupos xenófobos, em um processo de bipolarização de um “nós” e um “eles” que são inimigos e conseqüentemente competidores entre si.

Além da construção da figura do imigrante como um competidor nas vagas de empregos aumentam também as notícias de casos de crimes cometidos por refugiados na Europa, todos os dias a mídia compartilha notícias que propagam o racismo e reforçam a figura do imigrante como um delinquente, violador e assassino. Tudo para reafirmar que nas cidades que recebem imigrantes os números de homicídios e violência nunca estiveram tão altos.

⁴ Disponível em: < http://www.abc.es/espana/madrid/abci-ataque-neonazi-y-xenofobo-starbucks-madrid-201702090033_noticia.html>

Ainda que isso não seja verdade,⁵ conforme mostram os dados do site de estatística Eurostat, se comparado os anos de 2007-2009 com 2010-2012 os números de homicídios nos países membros da União Europeia diminuíram em 25 dos 28 países analisados.

Para Tzvetan Todorov (2012) em *Inimigos da democracia*, as razões pela qual os discursos populistas dos partidos políticos do século XXI vêm ganhando força e eleitores pela retórica que esses carregam, explica:

Animada pela necessidade de encontrar explicações simples e compreensíveis para tudo o que perturba a existência cotidiana, essa ideologia precisa de um adversário familiar para fazê-lo arcar com a responsabilidade por nossas desgraças. Beneficiados hoje por meios de comunicação infinitamente superiores aos do passado (...) os populistas têm boas chances de obter a adesão do público para seus remédios miraculosos, por mais ilusórios que sejam. (TODOROV, 2012, p.188)

As cidades globais dentro do cenário social e político que enfrentam, tem sido uma oposição ao movimento retrógrado de xenofobia e racismo. Cada vez mais os prefeitos dessas cidades têm uma postura de acolhimento aos imigrantes e não de exclusão.

Essas cidades rompem com o Estado e com sua dinâmica contratualista, e transformam o espaço complexo e fomentado de problemas sociais em uma zona de segurança para aqueles que precisam, tal postura vai de encontro com a protecionista e nacionalista que voltou a ter espaço nos últimos anos no continente europeu.

⁵ Disponível em: < [http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/File:Homicides_average_per_year_2007%E2%80%932009_and_2010%E2%80%932012_\(per_100_000_inhabitants\)_YB14.png](http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/File:Homicides_average_per_year_2007%E2%80%932009_and_2010%E2%80%932012_(per_100_000_inhabitants)_YB14.png) >

3. OS FLUXOS MIGRATÓRIOS NAS CIDADES GLOBAIS

As cidades globais cada vez mais enfrentam um paradoxo, de que ao mesmo tempo são os locais onde o capital mais projeta seus valores subjetivos e impõe seu estilo de vida e consumo, é também o lugar onde suas contradições se afloram. Cada vez mais, centenas de pessoas migram para essas cidades na tentativa de encontrar emprego em lugares que a oferta é muito menor que a procura.

Uma entrevista⁶ realizada em 2010, com a socióloga holandesa Saskia Sassen sintetiza bem a complexidade presente nas cidades globais, que as define como:

São espaços complexos, carregados de contradições. Temos pelo menos 70 delas no planeta, cidades em que o poder corporativo se consolidou de forma espantosa, criando geografias da centralidade que hoje conectam lugares e pessoas (...). Devemos estudá-las. Precisamos entender como aqueles que são expulsos do interior, ou de suas pequenas cidades, encontram exatamente na cidade global o único lugar que ainda lhes resta para viver, ainda que dormindo nas ruas.

O final do século XX é marcado por um processo complexo de desigualdade nessas grandes cidades, segundo o sociólogo Zygmunt Bauman (2009) no livro *Confiança e medo na cidade* os grandes centros urbanos são responsáveis pela maior concentração de riqueza, a ampliação do mercado e o sistema de redes em que funciona o sistema econômico só fortalece a população rica, por outro lado, a população mais pobre agora desamparada de proteção social pelo estado fica cada vez mais marginalizada.

É esse processo que vai gerar o que o autor chama de “sentimento de medo constante”; as pessoas que têm uma condição financeira privilegiada escolhem viver em condomínios privados e áreas fechadas, formando os “enclaves” presentes na cidade contemporânea. Enquanto, a parcela da população que não consegue transferir-se para essas áreas, é forçada a ficar em regiões marginalizadas e sem estruturas.

A “especulação do medo” afirma Bauman (2009) transforma essa dinâmica em um processo de política de controle e repressão cada vez mais justificado. É o caso da

⁶ Disponível em http://200.185.145.161/noticia_imp.php?req=suplementos,as-narrativas-da-globalizacao,562264,0.htm

Europa nos últimos anos, cada vez mais a insegurança e a obsessão por segurança, permitem processos de caráter segregacionista e xenofóbicos.

As profundas e ferozes transformações ocorridas na sociedade capitalista do século XX colocam no indivíduo a constante sensação de insegurança, que confuso quanto a esse sentimento o projeta em alguém, com o objetivo de encontrar um culpado.

O Estado moderno representou na política um período de “administração do medo”, que tende a substituir os laços naturais agora rompidos, por laços artificiais como associações, sindicatos, partidos políticos e coletivos, todos esses laços perdem a força e credibilidade e o século XXI já não conta mais com essas proteções coletivas, além de não poder contar com o estado social.

Para Bauman, o que acontece na Europa, primeira a sofrer essa revisão moderna dos valores que pautavam a sociedade, da mudança de estado social para o estado neoliberal, por pressão das forças globais, que são hoje os agentes que controlam a política é justamente o que produz o medo e o sentimento de inadequação, que acaba sendo projetada nos imigrantes vistos agora como agente-causador de todos os males existentes na Europa.

Bauman no livro *Tempos Líquidos* discute a origem desse medo projetado nos imigrantes, com uma referência do dramaturgo Bertolt Brecht que explica a aversão projetada nos imigrantes, os chama de *“Ein bote des unglucks”* que significa mensageiros de desventuras, afirmando que para os “estabelecidos” (termo de Norbert Elias) enfrentar a realidade da pobreza, fome e das guerras distantes da qual os refugiados estão fugindo, seria precisar reconhecer a fragilidade da própria vida assegurada pelo conforto do familiar.

Segundo relatório da ACNUR⁷, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, o número de pessoas deslocando-se para fugir de guerras ou situações extremas atingiu seu maior número já registrado em 2016, somando 65,6 milhões de refugiados, mais de 300 mil em relação ao ano anterior.

A definição presente no regimento do Parlamento Europeu escrito em 2006 considera que os processos sociais de imigração em massa refletem processos históricos, sociais, políticos e ambientais que são estruturais, conforme descrito a seguir:

⁷ Disponível em < <http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/>>

A imigração em massa é resultado de uma economia em crise, do empobrecimento da população, das violações dos direitos humanos, da degradação do meio ambiente, das diferenças cada vez maiores entre países ricos e pobres, da guerra civil, da guerra pelo controle dos recursos naturais, das perseguições políticas, da instabilidade política, da corrupção e da ditadura de muitos países.

O Mar Mediterrâneo, só em 2017 serviu de rota para o continente europeu a mais de cem mil refugiados⁸, por ser a principal via dos países com maiores números de imigrantes, como Síria, Eritreia, Mali, Nigéria e Gâmbia, cinco dos países que hoje tem maiores números de refugiados.

A crise dos refugiados e os esforços financeiros dos países de controlar quem chega a seus países cada vez mais garantem que a obstacularização de pessoas em migrar seja visto de maneira necessária, a restrição dos movimentos migratórios é apoiado e tem sido cada vez mais pauta da agenda política dos partidos de extrema direita que ganham força na Europa.

Nesse sentido as políticas públicas dos países que recebem refugiados, tomam cada vez mais um caráter punitivo, os postos de transição e controle alfandegário que são o local onde se destinam os imigrantes resgatados durante a travessia, agora são controlados por forças policiais, os acordos da União Europeia cada vez mais caminham para uma política de não acolhimento dos imigrantes. As empresas de turismo e companhias aéreas também cumprem seu papel em impedir os fluxos migratórios, nos últimos anos os documentos exigidos para a compra de passagens e as rígidas verificações de renda, estada e principalmente a data de regresso.

3.1. As cidades rebeldes: a resposta das cidades globais as políticas de insegurança e medo

Se o poder ideológico que o capital propagou durante os anos 90 e início dos anos 2000 mobilizou os fluxos migratórios, que seduzidos pela vida no Ocidente, migram para tentar a sorte, e acabam em uma situação marginalizada nessas cidades, agora em um período que o estado social perdeu seu espaço, o aumento do desemprego e as constantes crises que o capitalismo não consegue conter, a tendência das

⁸ Disponível em < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-07/mais-de-100-mil-imigrantes-chegaram-europa-pelo-mediterraneo-em-2017>>

idades globais era de fortalecer suas leis anti-imigração, porém algumas cidades adotaram uma política oposta.

As chamadas cidades rebeldes, cidades globais que decidem ter uma postura de acolhimento a imigrantes e refugiados, diferente da tendência europeia e estadunidense e suas políticas baseadas na insegurança e medo.

Cidades como Barcelona, Paris, Nova York e Madrid passam a afirmar que não acolher refugiados em condição de expulsão por guerra, fome ou quaisquer motivos é ignorar os princípios de direitos humanos.

São cidades turísticas, sua geração de renda é parte de um processo econômico que recebe pessoas de todos os lugares, e mais que isso, cidades que dependem de mão de obra imigrante para realização de suas atividades econômicas.

A política dessas cidades é chamada de “Podemos” que representa a capacidade que essas cidades têm em agir quanto à crise dos refugiados. Uma notícia de 2015, intitulada “*Pefeitas do Podemos: uma rede de cidades e sociedade civil para a recepção de refugiados*”⁹, sobre as cidades espanholas que são partes desse novo projeto de cidade, Madrid e Barcelona, que buscam agora em conjunto com a sociedade civil promover uma rede de acolhimento para lidar com o que a prefeita de Barcelona, Ada Colau chamou de “catástrofe humanitária”.

Agora cabe a cidade o papel que antes tinha o Estado social, pois se está nas cidades à concentração dos problemas causados pela globalização é nela que está também a solução para eles, os governantes devem ser capazes de apresentar soluções locais aos problemas globais que o Estado não pode mais.

3.1.1 O caso Barcelona - Ada Colau e o incentivo à imigração

A crise dos refugiados tem sido pauta por alguns anos em Barcelona, especialmente por sua localização geográfica, a cidade está localizada ao longo do Mar Mediterrâneo, principal rota de fuga de países com grande número de imigrantes como Síria, Eritreia, Mali, Nigéria e Gâmbia e por isso é a região espanhola que mais recebe refugiados.

⁹ Disponível em <<http://faciamosinistra.blogspot.com.br/2015/09/i-sindaci-di-podemos-una-rete-di-citta.html>>

A cidade de Barcelona conta com o apoio massivo da sociedade civil, conforme a notícia vinculada pelo portal eletrônico El País¹⁰, em fevereiro de 2017 que diz “Marcha pela acolhida de refugiados em Barcelona mobiliza a cidade”. Sobre uma manifestação em apoio à acolhida de imigrantes com mais de 100 mil pessoas, com o lema *Prou excuses, Acolim ara* que significa (“Chega de desculpas, acolhamos agora”) cobrando do estado espanhol o cumprimento do compromisso de acolher refugiados, no qual a Espanha se dispôs a acolher 17.000 pessoas, e aceitou apenas 744 até então. Ada Colau, prefeita da cidade e um símbolo político muito significativo nas questões relacionadas a imigrantes também participou do ato.

A cidade de Barcelona apresenta uma alternativa no que é o modelo neoliberal de lidar com os fluxos migratórios, a partir dos movimentos sociais e os partidos de esquerda, as políticas locais mudaram, na expectativa de construir uma cidade mais justa e democrática.

Em 2015, ano de ingresso no governo à prefeita Ada Colau, fez pública uma carta¹¹ dirigida ao presidente da Espanha, Mariano Rajoy, para criticar a postura que a Europa vem tendo em relação a maior crise humanitária desde a Segunda Guerra, especialmente por estar descumprindo o “Nunca mais” garantido depois dos horrores da guerra. Afirma que governantes devem estar à altura dos espanhóis solidários a causa dos refugiados, e que seu objetivo, assim como o de todas as pessoas e entidades que lutam em prol da causa é “*Criar uma rede de cidades refúgio que se estenda por todo o estado*” para que isso ocorra é necessário que exista transparência no uso dos fundos destinados a isso pela União Europeia e finaliza:

Finalmente, aproveitamos a ocasião para solicitar que os recursos sirvam para assistir a quem necessita, e não para nos blindar contra eles com muros e meios militares. (...) As pessoas que desejam chegar a esse continente fugindo da fome, repressão e guerras não são inimigas. Não podemos aceitar que nossa “segurança interna” tenha como consequência a morte e sofrimento de outros seres humanos. Peço-te senhor Presidente, que pressione a União Europeia para que esses fundos sirvam para construir uma Europa mais humana, digna dos valores em que se fundou. (COLAU, 2015, p. 2, tradução nossa)

¹⁰ Disponível em < https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/18/internacional/1487428212_810988.html>

¹¹ Disponível em <<http://ajuntament.barcelona.cat/alcaldessa/ca/blog/carta-rajoy>>

A política promovida por Ada Colau não está preocupada somente em “receber” os imigrantes, mas em pensar políticas públicas que atendam esse grupo. Ada Colau não reabriu os CIE (Centro de Identificação e Expulsão de estrangeiros) depois que haviam sido fechados para manutenção¹², segundo a prefeita os CIE têm a condição de não lugares e são extremamente desumanos que servem apenas para deportar imigrantes sem documentos.

Outra medida essencial para a política de reconhecimento é a criação de documentos de identificação, um artigo¹³ publicado no portal eletrônico ABC de novembro de 2017, afirma “*Ada Colau cria um cartão para impedir a expulsão de imigrantes*” e discute a problemática no que diz respeito à validade legal do documento, pois a Lei de Estrangeiros em vigor no país estabelece critérios para a regulamentação de imigrantes no país, ou seja, é uma competência do Estado, mas o Conselho da Cidade e a prefeita acreditam que esse processo cria “*uma nova legalidade municipal*” ainda que não seja o suficiente para regular a situação dos refugiados, é importante para que haja um impacto na hora da decisão sobre a deportação, afirmam fontes municipais, esses documentos são importantes para a política local a fim de resistir aos CIE que continuam sendo uma batalha política, pois são legitimados pelo Estado espanhol, ainda que não o sejam pela prefeitura de Barcelona.

No livro *Confiança e medo na cidade*, Bauman apresenta dois conceitos que ocorrem simultaneamente na cidade o primeiro é a mixofobia, ou seja, o medo de conhecer, envolver-se com o desconhecido, tendência essa que explica o aumento das comunidades *gated and secure*, pois somente assim o indivíduo sente-se seguro. Por outro lado, o segundo termo, mixofilia, representa o reconhecimento das diferenças, e com ela a curiosidade em aceitá-las, para o autor, toda pessoa tem em si as duas sensações, e ainda que seja uma existência árdua entre elas, a capacidade de viver pacificamente e aproveitar das vantagens que isso traz tem se tornado uma das mais importantes capacidades da sociedade e uma das mais importantes no combate ao terrorismo psicológico que o mundo global criou.

Cidades com maiores números de estrangeiros seguem a tendência de aumentar os processos sociais de mixofilia, justamente por concentrar convívios culturais, sociais,

¹² Disponível em < <http://www.sinistraineuropa.it/europa/ada-colau-nega-autorizzazione-cie-barcellona/>>

políticos, religiosos, linguísticos e promover uma coexistência que outros espaços não teriam, Barcelona é um exemplo desse fenômeno.

Segundo Ferrajoli (1998) há um vínculo entre democracia e igualdade e outro entre desigualdade de direitos e racismo, se a igualdade de direitos gera um sentido de respeito, a desigualdade produz uma imagem do outro como diferente, menos humano por não ser um indivíduo legal. Sendo assim, o caminho para o respeito e convivência dentro das cidades, não é remover direitos, mas sim estendê-los a refugiados, é preciso reformular os limites da democracia e as noções modernas de igualdade legal.

¹³ Disponível em < http://www.abc.es/espana/catalunya/abci-colau-crea-carne-para-frenar-expulsion-inmigrantes-201711170323_noticia.html>

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar na reformulação do conceito de democracia moderna e nas noções de igualdade legal inseridos no contexto global é um processo complexo, antes de tudo é preciso compreender que essa expansão deve ocorrer em todos os sentidos, ou seja, é necessário que existam competências legais que transcendam os limites do estado e possam assim proteger aqueles que não possuem direitos de cidadania e nacionais, mas essas competências legais também devem estar à altura dos novos tipos de criminalidade presentes no mundo global e ser capaz de julgá-las por uma esfera pública mundial.

Um dos efeitos perversos da globalização é o desenvolvimento de organizações criminosas agora transnacionais, ou seja, forças que não podem ser contidas no âmbito jurídico de cada estado, afirma Ferrajoli (2006) em *Criminalidade e globalização*, da mesma forma que o capital enquanto global não pode mais ser regulamento por determinado país, a criminalidade internacional segue a mesma lógica. O autor define o conceito de globalização no que diz respeito a seu aspecto jurídico enquanto *“O vazio do direito público, a altura de novos poderes e novos problemas, como a ausência de uma esfera pública internacional”*.

O autor aponta três criminalidades surgidas no atual período histórico globalizado, a primeira é o crime organizado tipicamente dito, que inclui o terrorismo internacional e as organizações de tráfico de imigrantes ilegais, que é um dos mercados criminais mais rentáveis, por contar com o desespero dos refugiados, que na maioria das vezes pagam tudo o que possuem para arriscar a travessia para Europa.

A segunda forma de criminalidade é a realizada por grandes poderes econômicos, que conforme se discutiu nesse trabalho, é fruto de um capital desregulamentado, que não precisa seguir tratados ou prezar pelas pessoas e o meio ambiente do local, esse processo é o que produz a enorme degradação ambiental realizada por algumas empresas é o que explica as expulsões ambientais, que Sassen (2016) pontua em seu livro, o que se nota hoje é que os danos ambientais causados localmente, já atingiram escalas globais e locais que não foram onde o estrago foi feito, agora a destruição do solo, terra e água são realidades sociais e razão de imigração em massa.

Por último, são as formas de criminalidade realizadas pelo poder público, Ferrajoli os chama de crimes contra humanidade, por seu caráter não humanitário de ações como detenções forçadas, abuso das forças políticas e as guerras.

Combater essas três forças, no âmbito legal será um processo trabalhoso se considerarmos que existe hoje uma crise do estado de direito e diversos estigmas quando as funções políticas.

As características do estado democrático de direito antes compreendiam que todos eram iguais perante a lei, desde indivíduos até figuras políticas ou públicas e que a supremacia de poder é de soberania popular, ao escolher seus representantes para governar.

O que a grande maioria dos países vive hoje, países esses regulamentados por essas características é a da transição para uma democracia guiada por um “populismo penal” demagogias compartilhadas por veículos de mídia que intimida a população e a convence de que é necessário mais segurança para lidar com as ameaças criminais que se apresentam, justificando maiores repressões.

Essa construção indica inimigos específicos, e legitima quaisquer ações contanto que voltada para esses grupos sociais, o que explica as crescentes ondas xenofóbicas e ataques que os imigrantes sofrem pela mídia, pelos meios de repressão públicos e até por grupos populares.

É ilusório esperar nos problemas sociais, por exemplo, depredação de espaços públicos por usuários de drogas e delinquentes, uma solução penal. O direito não pode cumprir o papel que as políticas sociais antes tinham. Esse tipo de situação na verdade piora essas situações e gera desconfiança nas instituições legais.

As chamadas “*Fábricas da mentira*” conceito do autor Vladimiro Giacché que consiste nas estratégias de convencimento utilizadas pelas forças globais e pelo poder público que censura ou disfarçar quaisquer assuntos que sejam indesejáveis a garantia da manutenção do poder, projetando-os em outros agentes.

Processos capazes de cristalizar o racismo e a xenofobia no senso comum, aumentar o fundamentalismo e o nacionalismo e principalmente criar uma nova luta de classes, não mais de segmentos sociais distintos, mas de nacionalidades, a defesa de si, da separação entre “eles” e “nós” cada vez mais legitima a expulsão e o a contração dos imigrantes em espaços fechados dos quais não podem sair,

dentro dos países em que esses buscaram asilo, somente na Grécia em 2016 mais de 60 mil refugiados aguardam a decisão de realojamento para algum país¹⁴.

Esse trabalho buscou apontar os dois possíveis caminhos para tratar a crise dos refugiados que o mundo enfrenta hoje, a primeira, realizada em dimensões sociais locais e escala micro, são as políticas adotadas pelas cidades rebeldes e por prefeitos como Ada Colau em Barcelona. São cidades que rejeitam a forma neoliberal de lidar com a questão migratória, de usar todos os recursos financeiros para construir muros e reforçar a segurança das fronteiras para evitar que mais pessoas cheguem a Europa e manter as que lá estão em espaços isolados da cidade em condições precárias, espaços que muito lembram os campos de concentração do século XX, essas cidades refúgios são cidades turísticas, cidades que são funcionam sob uma lógica de diversidade cultural, na quais os imigrantes são essenciais, e por isso os projetos de acolhimento e principalmente, de inserção social dessas pessoas, com acesso a educação, saúde e ofertas de empregos.

O segundo caminho, apresentado pelo jurista Ferrajoli, ainda que mais difícil de ser pensado empiricamente, e que dependeria, segundo o autor, de uma batalha cultural e política, seria um sistema jurídico mundial, capaz de regulamentar e punir a nova criminalidade global, esse processo diferente das políticas locais das cidades rebeldes seria um projeto em escala macro, fruto de um acordo político e penal entre os países.

Essa batalha simbólica por um sistema jurídico global traria a conquista histórica de uma corte penal internacional, que funcionaria nos julgamentos em que competências nacionais não servem, como crimes de terrorismo internacional, narcotráfico, tráfico de armas, atentados civis e ambientais, diversos golpes de estado e o tráfico humano e todos os crimes realizados por seus agentes.

¹⁴ Disponível em <

<http://reporting.unhcr.org/sites/default/files/2017%20Regional%20Refugee%20%26%20Migrant%20Response%20Plan%20for%20Europe%20-%20Jan-Dec%202017%20%28December%202016%29.pdf>

REFERÊNCIAS

ABC CATALUÑA. **Ada Colau cria um cartão para impedir a expulsão de imigrantes.** [17 de novembro de 2017].

Disponível em: <http://www.abc.es/espana/catalunya/abci-colau-crea-carne-para-frenar-expulsion-inmigrantes-201711170323_noticia.html>. Acesso em 21/11/17

ABC MADRID. **Ataque neonazista e xenofóbico aos Starbucks de Madrid.** [fev 2017]. Disponível em <http://www.abc.es/espana/madrid/abci-ataque-neonazi-y-xenofobo-starbucks-madrid-201702090033_noticia.html>. Acesso em 21/04/17

ACNUR. **Tendências Globais sobre refugiados e outras populações de interesse do ACNUR.**

Disponível em <<http://www.acnur.org/portugues/recursos/estadisticas/>>. Acesso em 22/09/17

AGÊNCIA BRASIL. **Mais de 100 mil imigrantes chegaram a Europa pelo Mediterrâneo em 2017.**

Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-07/mais-de-100-mil-imigrantes-chegaram-europa-pelo-mediterraneo-em-2017>>. Acesso em 23/09/17

BAUMAN, Z. **Capitalismo parasitário.** Zahar. 2011

BAUMAN, Z. (2009) **Confiança e medo na cidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

BECK, U. e BECK-GERSCHEIM, E. (2003) **La individualización.** Barcelona: Paidós.

COLAU, A. **Carta a rajoy.** [05 de setembro de 2015]. Disponível em: <<http://ajuntament.barcelona.cat/alcaldessa/ca/blog/carta-rajoy>>. Acesso em 29/10/17

EL PAÍS. **Marcha pela acolhida de refugiados em Barcelona mobiliza a cidade.**

Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/18/internacional/1487428212_810988.html>. Acesso em 26/08/17

EUROSTAT. **Homicídios entre os anos de 2007-2009 e 2010-2012 a cada cem mil habitantes.** Disponível em: <[http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/File:Homicides,_average_per_year,_2007%E2%80%932009_and_2010%E2%80%932012_\(per_100_000_inhabitants\)_YB14.png](http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/File:Homicides,_average_per_year,_2007%E2%80%932009_and_2010%E2%80%932012_(per_100_000_inhabitants)_YB14.png)>. Acesso em 22/09/17

FACCIAMOSINISTRA. **Os prefeitos do Podemos: uma rede de cidades e sociedade civil para a recepção de refugiados.** Disponível em <<http://facciamosinistra.blogspot.com.br/2015/09/i-sindaci-di-podemos-una-rete-di-citta.html>>. Acesso em 26/08/17

FERRAJOLI, L. (2009) **“La criminalizzazione degli immigrati”**, in *Questione Giustizia*, n.5, Milano: Franco Angeli.

FERRAJOLI, L. (2013) **La democrazia attraverso i diritti**. Roma: Laterza.

FERRAJOLI, L. (1998). **Além da soberania e da cidadania um constitucionalismo global**. Isonomía. Edição 9.

GALLI, C. (2010) **Political Spaces and Global War**. Minnesota: University of Minnesota Press.

GALLINO, L. (2012) **La lotta di classe dopo la lotta di classe**. Roma: Laterza.

GIACCHÉ, V. (2011) **La fabbrica del falso. Strategie della menzogna nella politica contemporanea**. Roma: Derive Approdi.

GREENSPAN, Alan. **Graças a globalização, política norte americana tem sido substituída por “forças de mercado globais”** [dez. 2014]. Disponível em: <<https://www.democraticunderground.com/10025910498>>. Acesso em 16 nov. 2017.

MASTROPAOLO, Alfio. **La democrazia è una causa persa? Paradossi di un’invenzione imperfetta**. Torini: Bollati Boringhieri, 2011.

PARLAMENTO EUROPEU. **A crise da migração na Europa**. [agosto 2017].

Disponível em:

<<http://www.europarl.europa.eu/news/pt/headlines/society/20170629STO78631/a-crise-de-migracao-na-europa>>. Acesso em 22/09/17

SANCHO, Algel e NAVARRO, Pascual. **Contenido y límites del “ius migrandi”**. Disponível em <http://www.urjc.es/ceib/>. Acesso 10/08/17

SASSEN, S. (2001) **The Global City**. Princenton: Princenton University Press.

SASSEN, S. (2007) **Los espectros de la globalización**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

SASSEN, S. (2014) **Expulsions. Brutality and Complexity in the Global Economy**. Massachusetts: Harvard University Press.

SASSEN, S. **As narrativas da globalização**. Entrevistador: Laura Greenhalgh. São Paulo: O Estado de S. Paulo. 06 DE JUNHO DE 2010. Disponível em <http://200.185.145.161/noticia_imp.php?req=suplementos,as-narrativas-da-globalizacao,562264,0.htm>. Acesso em 25/09/17

SINISTRA IN EUROPA. **Ada Colau nega a reabertura dos CIE de Barcelona**. Por Andrea Alba. [07 de julho de 2016]. Disponível em: <<http://www.sinistraineuropa.it/europa/ada-colau-nega-autorizzazione-cie-barcellona/>>. Acesso em 29/10/17

THATCHER, M. **Discurso para pequenos comerciantes na Conferencia Bureau**. [fev 1984]. Disponível em <<http://www.margaretthatcher.org/document/105617>>. Acesso em 10/08/17

THATCHER, M. **Epitáfio para os anos oitenta? Não existe tal coisa como a sociedade"**. [out.1987]. Disponível em: <<http://briandeer.com/social/thatchersociety.htm>>. Acesso em 10/08/17

TODOROV, Tzvetan. **Os inimigos da democracia**, Companhia das Letras, 2012

UNHCR. **Plano regional de resposta aos refugiados e migrantes para a Europa**. [dez.2016]. Disponível em: <<http://reporting.unhcr.org/sites/default/files/2017%20Regional%20Refugee%20%26%20Migrant%20Response%20Plan%20for%20Europe%20-%20Jan-Dec%202017%20%28December%202016%29.pdf>>. Acesso em 22/09/17